

A FUNÇÃO DA ESCOLA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: concepções de uma professora da educação básica

THE ROLE OF SCHOOL IN CONTEMPORARY SOCIETY: conceptions of a basic education teacher

Lucy Aparecida Gutiérrez de Alcântara¹

Marli Teresinha Quartier²

Suzana Feldens Schwertner³

Rogério José Schuck⁴

Maria Madalena Dullius⁵

Resumo

O presente trabalho expressa algumas considerações acerca da função da escola na contemporaneidade. Neste sentido, busca observar os efeitos das mudanças que estão ocorrendo na sociedade, ocasionando a alteração do papel do professor, exigindo formação e reflexão na sua prática pedagógica. Como instrumento de coleta de dados, foi realizada uma entrevista com uma professora da Educação Básica do Estado do Rio Grande do Sul, gravada e transcrita. As respostas indicam a necessidade de formação dos docentes para a integração das tecnologias nas aulas e a presença da família na vida escolar do aluno, bem como um ensino focado em projetos ou pesquisas com abordagem interdisciplinar.

Palavras-chave: Função da Escola. Mudança. Formação de Professor. Projeto de Pesquisa. Tecnologia.

Abstract

This paper presents some considerations about the role of school in contemporary age. In this sense, we observe the effects of changes taking place in society, causing the change in the teacher's role, requiring training and reflection in their teaching. As data collection instrument, an interview with a teacher of the State Basic Education of Rio Grande do Sul was performed recorded and transcribed. The responses indicate the necessity of training teachers to integrate technologies in the classroom and the family's presence in the school life of the student as well as a teaching focused on research projects with an interdisciplinary approach.

¹ A autora é Graduada em Matemática, especialista em Avaliação, mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino no Centro Universitário UNIVATES e Professora no IFMT, Campus Juína. E-mail: lucy.alcantara@jna.ifmt.edu.br

² A autora é Doutora em Educação (UNISINOS) e Docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: mtquartieri@univates.br

³ A autora é Doutora em Educação (UFRGS) e Docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: suzifs@univates.br

⁴ O autor é Doutor em Filosofia (PUCRS) e docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: rogerios@univates.br

⁵ A autora é Doutora em Ensino de Ciências (Universidade de Burgos Espanha) e docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em ensino do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: madalena@univates.br

Key-words: School's role. Change. Teacher training. Research Project. Technology.

1. INTRODUÇÃO

A evolução da sociedade tem possibilitado importantes transformações em todas as esferas: social, econômica, política e cultural. A sociedade, a família e o mundo do trabalho mudaram, e continuam mudando, num cenário “[...] cada vez mais organizado pela tecnologia” (MACEDO, 2005, p. 36). Com o desenvolvimento tecnológico, a escola necessita buscar inovações para acompanhar e compreender a contemporaneidade e suas características.

Essas modificações que afetam a escola alteram o processo educativo, que busca adequar-se às novas demandas sociais, provocando mudanças na forma tradicional praticada nesse espaço. Além de ensinar conteúdos, é necessário que ela favoreça o desenvolvimento de atitudes positivas, atuando na formação integral do indivíduo. A inclusão dos pais no processo educativo pode proporcionar melhores resultados na educação, pois, unidas, escola e família cooperam para um maior aprendizado e crescimento do aluno.

O fundamental na contemporaneidade é garantir a todos o acesso à escola. Mas, para assegurar a aprendizagem na diversidade e singularidade dos alunos, que esperam aprender coisas relevantes à sua vida, é necessária uma prática diferenciada por parte do docente. Logo, além de transmissor de conhecimentos, ele precisa desempenhar a função de orientador, o que implica mudanças (MACEDO, 2005). Dessa forma, o ensino e a aprendizagem podem assumir um caráter investigativo e, possivelmente, serem guiados por projetos e pesquisas para auxiliar na resolução de situações-problema, relacionando a sociedade com o contexto educativo escolar.

Este trabalho é resultado dos estudos e discussões em torno do papel da escola na contemporaneidade, ocorridos durante o desenvolvimento da disciplina de Educação e Contemporaneidade do Programa de Mestrado Acadêmico *Stricto Sensu* em Ensino, promovido pelo Centro Universitário UNIVATES, *Campus* de Lajeado - RS. Os estudos demonstraram a exigência de mudança por parte da escola frente aos desafios impostos pela sociedade contemporânea, o que acarreta aos professores a necessidade de reflexão diante das suas práticas, buscar formação, pesquisar, rever metodologias para atender às demandas impostas pelo mundo atual, tornando a escola um ambiente de inclusão para o aluno e a sua família. Sendo assim, o objetivo do

presente estudo foi estimular a reflexão sobre a educação atual, bem como analisar as concepções e perspectivas de uma professora da Educação Básica no Estado do Rio Grande do Sul – Brasil, sobre a temática.

2. A SOCIEDADE E A ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

Vivemos em um mundo com muitas informações, onde é possível manter contato com outras culturas, conhecer os seus aspectos, além de sermos por elas influenciados. Na contemporaneidade, Moran (2011, p. 11) afirma que “[...] a sociedade está caminhando para ser uma sociedade que aprende de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes (atores), de forma contínua”. O autor acrescenta que “[...] a educação escolar precisa, cada vez mais, ajudar a todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, os diversos ritmos, métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões”. (MORAN, 2011, p. 11).

Para a formação integral dos indivíduos, surge a necessidade de mudanças no ambiente educacional, o que implica certas exigências aos professores, pois são eles os protagonistas de tais mudanças.

Essas exigências estão relacionadas à aprendizagem de novos conhecimentos, ao desenvolvimento de novas competências; às alterações das concepções dos professores e à construção de um novo sentido. A mudança exige também do docente um compromisso ético e político e a compreensão de que em termos incertos as mudanças estão, cada vez mais, complexas e frequentes. (GARCIA, 2010, p. 28).

Entretanto, o professor precisa de tempo para o desenvolvimento de novos conhecimentos, esforço intelectual e emocional e, assim, poder alterar suas concepções de docente. Garcia (2010, p. 30) sugere que “[...] esse processo de construção de novas competências pressupõe que os professores tenham uma nova relação com o saber”. O autor afirma não ser possível o educador alterar as estratégias de ensino sem, ao mesmo tempo, transformar as suas concepções, e essas mudanças e a construção de novas práticas devem acontecer conjuntamente. (GARCIA, 2010, p. 30).

Também é importante valorizar o conhecimento construído na prática pedagógica, no cotidiano das escolas e nas maneiras encontradas para vencer os desafios diários, permitindo a docentes e alunos ampliarem a sua leitura do mundo, tornando a escola um espaço aberto de interações diversas, produtora de conhecimento e cultura para os discentes, professores e sociedade (LEITE et al., 2011). Nesse sentido, Macedo (2005, p. 31) diz que “[...] o professor,

de um modo geral, na realidade da sala de aula, das orientações, do trabalho com os alunos, da vida institucional e escolar, enfrenta os problemas de uma prática difícil de ser realizada e, mais ainda, de ser refletida”. O autor classifica prática e reflexão como duas faces do conhecimento que são fundamentais, complementares e indissociáveis para os professores e define reflexão como “[...] envergar-se de novo, em outro espaço, em outro tempo, talvez em outro nível”. (MACEDO, 2005, p. 32).

O citado pesquisador afirma que refletir na prática é observar o que acontece no domínio do conhecimento, recortar, destacar e projetar para outro plano. Ou seja, reconstituir o que ocorreu no plano da ação, organizar o que foi destacado, acrescentar novas perspectivas, mudar o olhar e se descentrar. Portanto, é colocar-se diante de uma prática, optar por coisas que julgamos importantes e reorganizá-las para que possamos afirmar, retificar, equilibrar, mudar, melhorar, antecipar, enriquecer, atribuir sentido ao que foi realizado (MACEDO, 2005). Atualmente, a reflexão do professor em relação à sua prática é imprescindível, como manifestam Moran, Masetto e Behrens (2009), ao afirmarem que, como as demais, a área educacional está sendo muito pressionada por mudanças, assinalando a educação como o caminho fundamental para modificar a sociedade.

O desenvolvimento tecnológico impulsiona a evolução da sociedade, mas não garante a todos o acesso às tecnologias. Nesse sentido, Leite et al. (2011, p.17) afirmam que “o avanço tecnológico ainda não chegou para todos e a maioria das pessoas ainda não tem acesso ao conhecimento sobre ele. Logo, cabe à escola agir com e sobre as tecnologias”. As autoras alertam que “[...] a área de educação precisa dominar o potencial educativo das tecnologias e colocá-las a serviço do desenvolvimento de um processo pedagógico que vise à construção da autonomia dos educandos e à formação para o exercício pleno da cidadania” (p. 17-18).

Carvalho e Ivanoff (2010, p. 3) definem tecnologias como “o conjunto de técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais domínios da atividade humana”. Para Garcia (2010), elas têm possibilitado modificações na produção do conhecimento, renovando-o numa velocidade espantosa. Nesse sentido, Tezani (2011) comenta que, presentemente, a informação disponibilizada pela tecnologia digital possibilitou o acesso de todos aos fatos, acontecimentos e conteúdos por meio da internet. A autora enfatiza que “a educação escolar atualmente se vê diante da possibilidade de reorganização didática, pedagógica, curricular, pois a facilidade de acesso às informações disponibilizadas pelas

tecnologias digitais proporciona uma nova maneira de ensinar e aprender”. (TEZANI, 2011, texto digital).

No que se refere aos alunos, Leite *et al.* (2011, p. 17) indicam que eles “[...] devem ser educados para o domínio do manuseio, da criação e interpretação de novas linguagens e formas de expressão e comunicação, para irem se constituindo em sujeitos responsáveis pela produção”. As autoras afirmam que a tecnologia pode ser o meio de formar o discente com e para a autonomia; não para imitar, copiar e repetir, mas para tentar concretizar o discurso proposto à escola, que deve levar o educando a aprender a aprender, a criar, a inventar soluções próprias diante dos desafios.

Para a utilização da tecnologia nos processos de ensino e de aprendizagem, Demo (2009) alerta que os professores merecem uma atenção maior, pois não é possível fazer uma escola renovada se estes forem tradicionais. Ele afirma que nada de novo vai ocorrer com os alunos se os docentes não sabem aprender com as tecnologias, por isso é fundamental formá-los para essa tarefa. Neste contexto, o educador torna-se aprendiz e, ao se enxergar como tal, muda a sua forma de ensinar, adota uma postura mais atenta, sensível, tem mais facilidade em se colocar no lugar do educando, de se aproximar da maneira como ele vê e modifica seu ponto de vista. (MORAN, 2011).

Demo (2009) assegura que, ao continuar aprendendo, o professor pode transformar sua sala de aula em laboratório ou contexto, levando-o a desenvolver novas formas de ensino e de aprendizagem. Para o autor, o docente necessita perceber que o seu repertório de conhecimentos é valorizado e, no cotidiano da sala de aula, sentir-se estimulado e suficiente para dar um estatuto educacional para todos os conteúdos presentes na escola. Nesse sentido, adverte que

Provavelmente vai morrer também o diploma definitivo, entrando em seu lugar algo provisório. A própria corrida cada vez mais frenética dos profissionais atrás de atualização comprova que seus diplomas secaram. Talvez seja o caso de manter a porta sempre aberta para a reconstrução do diploma, dentro da ideia de que é fundamental fazer-se membro vitalício da comunidade universitária de aprendizagem. O estudo não gera tantos produtos, quanto processos inacabados e inacabáveis de formação aberta. E isso também dilui, em parte, a figura do professor acabado. No mínimo, sai do centro. (DEMO, 2009, p. 73).

Nóvoa (s/d, texto digital), por sua vez, evidencia que essa formação seja organizada em torno de situações concretas que fomentem o desejo de encontrar a solução para resolvê-las e salienta a importância de um conhecimento além da teoria e da prática. O autor propõe a busca de um conhecimento que seja pertinente e não apenas uma aplicação prática de uma

teoria qualquer. Ademais, sugere projetar a formação docente num ambiente de compromisso profissional, disponibilizando atenção às mudanças nas rotinas de trabalho, pessoais, coletivas ou organizacionais. Ele afirma que “a inovação é um elemento central do próprio processo de formação” (s/d, texto digital). Portanto, para elaborar a formação com vistas à melhoria na prática, é interessante o professor criar situações de aprendizagem ou desenvolvimento das competências e habilidades nos modos em que isso se coloca hoje. Nesse sentido, Macedo (2005, p. 31) contextualiza:

O professor de ‘ontem’ é muito diferente do professor de “hoje” quanto às exigências que lhe eram e são feitas. O antigo professor atuava no contexto da lógica da exclusão, sendo suas competências de ensinar dissociadas de suas competências de aprender, ou seja, de sua necessidade de continuar se atualizando como profissional. Hoje, espera-se que o professor ensine segundo a lógica da inclusão, o que significa que ensinar e aprender, na perspectiva desse profissional, sejam considerados indissociáveis.

Para que a lógica da inclusão seja amplamente instaurada, é necessário perceber as novas funções e o lugar da escola no mundo de hoje. Macedo (2005, p. 31) expressa que “a escola, hoje, é uma instituição sobrecarregada, que acumula funções socioculturais outrora mais bem repartidas: na rua, nas vizinhanças, nos quintais de nossas casas, na igreja, na praça”. Além disso, afirma que “muitas coisas que antes fazíamos e aprendíamos nesses lugares agora são feitas na escola” e alega que “[...] hoje, os professores convivem com as crianças por mais tempo e mais intensamente do que os pais”. (MACEDO, 2005, p. 31).

A missão da escola de educar crianças e jovens necessita ser realizada em parceria com a família. Para Silveira (s/d, texto digital), “a escola e a família são consideradas sistemas educativos, formal e informal (respectivamente)”. Segundo a autora, elas dividem a tarefa de educar e socializar crianças e adolescentes, mas “parece que, justamente por compartilharem destas tarefas educativas, algumas confusões surgem quanto à delimitação de papéis e funções educativas entre ambas”. Para tentar equilibrar a responsabilidade entre essas duas instituições, talvez a promoção de uma participação mais ativa dos pais na vida escolar do filho seja uma das soluções. A presença iria além das reuniões para entregas de notas e boletins e encontros em função de problemas comportamentais dos alunos.

Há vários fatores que podem afastar e dificultar a participação das famílias na escola. A atual desestruturação familiar, entre outras coisas, reforça esse afastamento, agravado pelo posicionamento da família que, de certo modo, abdica de parte da sua responsabilidade, transferindo-a para a escola. Para Silveira (s/d, texto digital), os pais assumem uma postura

capitalista alicerçada na prestação de serviço e também se colocam numa posição, “à espera de soluções e ações provenientes da escola em relação a tudo que diz respeito à educação de seus filhos”. Assim, a autora afirma que “os pais ‘terceirizam’, por vezes, a função educativa à escola, descomprometendo-se com o ensinamento de valores e da educação informal” e conclui dizendo que “isso parece dar-se em prol do pouco tempo que têm disponível aos filhos, dos altos custos do ensino privado (que deve incluir tudo), entre outras exigências”. (SILVEIRA, s/d, texto digital).

Neste quadro múltiplo que envolve a escola, esta é obrigada a enfrentar demandas não apenas diferentes, mas também divergentes. Dessa forma, a sua função se amplia, mas não pode perder de vista o seu papel essencial que é “[...] favorecer a equidade, possibilitando que todos sem exclusões, encontrem seu lugar de aprender” (HERNÁNDEZ, 2006, p. 43). Nesse sentido, Ferreira (s/d, texto digital) a considera um local onde se produz conhecimento, como espaço social para conviver e produzir cultura, em que cidadãos se encontram para dialogar sobre o mundo, sobre si e sobre suas ações, cujos membros são organizados, e existe uma intencionalidade que deve ser clara a todos os envolvidos. A autora defende que “Diferentemente do que nos fez crer a Pedagogia Tradicional, a função da escola não é ensinar, mas inserir na dinâmica das aprendizagens: o contínuo aprender a aprender” (Ibidem).

Para que isso ocorra, não basta motivar ou dar sentido; aprender a aprender vai além de aprender para fins escolares. É necessário aprender para interagir com o mundo, como afirma Perrenoud:

Se esse aprendizado não for associado a uma ou mais práticas sociais, suscetível de ter um sentido para os alunos, será rapidamente esquecido, considerado como um dos obstáculos a serem vencidos para conseguir um diploma, e não como uma competência a ser assimilada para dominar situações da vida. (2009, p. 45).

Uma das formas de aprender a aprender pode ser por meio de projetos com situações abertas, interdisciplinares que estimulam a pesquisa. Raramente, numa situação aberta, será incentivado apenas um aprendizado, e, ocasionalmente, as aprendizagens envolvidas fazem parte de uma única disciplina. A variedade de tópicos e disciplinas paralelas a uma forte reflexão epistemológica se torna importante para conduzir projetos de ação, sem o distanciamento do que visa à formação, que dá significado à escola. (PERRENOUD, 2009).

Para Moran, Masetto e Behrens (2009), essas situações favorecem a aprendizagem e são desenvolvidas em várias partes ou etapas, exigindo tempo maior na sua execução pelo

fato de levar o discente a buscar informações, dados e materiais necessários. Nesse sentido, Moran (2011, p. 33) afirma que, “[...] essas metodologias tiram o foco do ‘conteúdo que o professor quer ensinar’, permitindo que o aluno estabeleça um vínculo com a aprendizagem, baseado na ação-reflexão-ação”.

Nessa visão, o importante seria proporcionar ao aluno uma aprendizagem como algo relevante que o capacite a contribuir significativamente em relação à melhoria da sociedade. Mas para que isso ocorra, é preciso estar atento às mudanças que estão ocorrendo em todos os níveis e de todas as formas no espaço escolar. Moran (2011, p. 10) afirma que: “Essas mudanças são tais que afetam tudo e todos: gestores, professores, alunos, empresas, sociedade, metodologias, tecnologias, espaço e tempo”. É importante destacar que a educação é complexa e ampla; portanto, não pode ser resolvida somente dentro da sala de aula. Não basta ensinar o aluno a ler e escrever, é preciso prepará-lo de modo que ele possa interagir e modificar a sociedade em que vive.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho é reflexivo e tem um enfoque qualitativo. Para Neves (1996, p. 2), “os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos”. O autor afirma que, ao empregarem métodos qualitativos, os pesquisadores “[...] buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenômeno”. (NEVES, 1996, p. 2).

À vista disso, este estudo envolveu uma professora de 28 anos, com formação inicial em Matemática e especialização em Ensino da Matemática. Atualmente, é aluna do Mestrado em Ensino das Ciências Exatas no Centro Universitário UNIVATES. Reside em Santa Clara do Sul, mas trabalha em Cruzeiro do Sul, cidades localizadas no Estado do Rio Grande do Sul, onde atua, há três anos, na Educação Básica.

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi uma entrevista semiestruturada que, segundo Boni e Quaresma (2005, p. 75), “[...] combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto”. Composta de sete questões, buscava a compreensão da entrevistada quanto à função da escola na

contemporaneidade. A conversa foi gravada e transcrita na íntegra para posterior análise dos dados e, para garantir o anonimato da participante, seu nome não foi divulgado. Ao final da entrevista, foi-lhe solicitada a produção de uma fotografia do ambiente escolar com associação aos desafios da escola na contemporaneidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao iniciar a entrevista, solicitamos à professora informações pessoais, tais como: nome, idade, residência, formação, tempo de atuação e em que nível. Na sequência, questionamos com que intensidade vinha frequentando cursos de formação continuada, qual e quando foi o último. Respondeu que participava regularmente; alguns eram oferecidos pelo Estado e, em outros, comparecia por iniciativa própria, conforme declaração abaixo:

Todos os anos. É oferecido pelo Estado, e muitos que a gente procura, a universidade vai oferecendo e a gente faz. O último foi pela escola... deixa eu pensar... eu não me lembro o nome, foram vários, assim. Cada final de semana era um assunto, então tinha sobre avaliação, sobre gestão na escola, estas coisas... isso foi em outubro para novembro (Entrevistada).

Percebemos, por meio de sua fala, que existia a consciência da necessidade de formação continuada tanto por parte do Estado como da própria professora, além de investimentos nesse sentido. No caso específico, observamos a imprescindibilidade de promover uma formação de professores dentro da profissão, como afirma Nóvoa (s/d). Para o autor, “O que caracteriza a profissão docente é um lugar outro, um terceiro lugar, no qual as práticas são investidas do ponto de vista teórico e metodológico, dando origem à construção de um conhecimento profissional docente”. (NÓVOA, s/d, texto digital).

Sobre o questionamento da função da escola hoje, a resposta foi a seguinte:

Complicado dizer. A gente muitas vezes, assim comenta que nem, na escola, a gente vem de uma geração de que a gente pensava que educação vinha de casa e a gente ia para a escola para buscar mais conhecimento e aprendizagem né? Só, que eu... até... ano passado dei aula para uma turma de pequenos, assim, 7º Ano, e a gente vê que isso não existe mais, eles vêm para a escola totalmente, digamos, não é sem educação, mas sem aqueles princípios que a gente traz de casa, a gente vê que a família não é mais aquela família estruturada que é pai, mãe e filhos, né, é pai para um lado, é vó criando, então tá bem complicada essa situação (Entrevistada).

Pela enunciação de nossa entrevistada, sentimos a necessidade de obter mais detalhes e, como se tratava de uma entrevista semiestruturada, que nos permite fazer “[...] perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75), lançamos as seguintes questões: Então, como

fica a escola neste contexto? A declaração da professora foi esta: “Eu acho que ela tem todas as funções né, que o aluno precisa para ter uma boa formação e uma boa educação”. Na tentativa de buscar mais elementos sobre o tema, complementamos: Tem que formar o sujeito completo? Segue a resposta:

É isso aí, então a gente, as vezes... até... a gente se depara com alunos te chamando de mãe... né, porque eu acho que muitas vezes, eles vêm... até eu comentava com as gurias, [...] que como é estranho alguns alunos, eles não sabem o que é te dar um abraço, te dar um beijo, porque acho que eles não vivem isso em casa, então assim as vezes, ou eles vêm muito carentes também, porque em casa isso não existe, né (Entrevistada).

Percebemos, pelas falas da professora, uma preocupação em relação à atual estrutura familiar e à afetividade dos alunos. Essa desestruturação provoca a ausência dos pais ou responsáveis na vida escolar do estudante, como afirma Silveira (s/d, texto digital):

Já faz algum tempo que se discute a necessidade de uma efetiva parceria entre a família e a escola. Tais discussões têm apontado que é preciso que ambas possam convergir junto a tarefa educativa de nossas crianças e adolescentes. Entretanto, observa-se ainda certo jogo de ‘empurra-empurra’ quando se questionam as responsabilidades e tarefas educativas de ambas, sem apontar ou questionar suas convergências e divergências.

Em vista disso, a família, às vezes, acaba por atribuir à escola parte da sua função na formação dos seus filhos. Em relação à afetividade, Dubet (1997, p. 225) afirma:

Os alunos são adolescentes completamente tomados pelos seus problemas de adolescentes e a comunidade dos alunos é “por natureza” hostil ao mundo de adultos, hostil aos professores. Eles podem encontrar um professor simpático, eles podem encontrar um professor interessante, mas de qualquer forma, eles não entram completamente no jogo. Eles permanecem nos seus problemas de adolescência, de amor, de amizade e o professor fica sempre um pouco frustrado porque, mesmo se alunos queiram, individualmente, estabelecer relações com os professores, coletivamente, eles não querem tê-las.

Assim, na maioria dos casos, é uma questão de comportamentos característicos da idade do aluno. Cabe, portanto, ao professor aprender a lidar com essas atitudes e se conscientizar de que “É realmente uma situação em que a gente tem grandes dificuldades para conquistar os alunos. É um trabalho que se recomeça a cada dia [...]”. (DUBET, 1997, p. 225).

No final da entrevista, fizemos a seguinte pergunta: Acredita em modificações na escola na atualidade? Quais seriam? Segue a resposta:

Eu acho, [...] na minha escola, digamos, tá todo ano havendo, assim, muitas coisas estão mudando, em questão de tecnologias eles estão até investindo bastante. Vou dizer o caso da minha escola né, a gente tem uma disciplina nova que o Estado implementou que é o Seminário Integrado que é uma disciplina totalmente voltada à pesquisa né, então assim, a nossa escola, querendo ou não, eles estão começando a tentar mudar um pouco aquela visão, por que a escola trabalhava. O quê? Em cima

do vestibular, né. O que o Estado colocou para nós? Que o vestibular é algo que o aluno vai ter que buscar, então se ele quiser ter aquele conhecimento a mais, de conteúdo mesmo, ele vai ter que buscar, ele vai ter que mostrar esse interesse. E até a gente vê muito na nossa escola, a procura não é tão grande pelo vestibular, porque é uma escola do interior, então os alunos, muitos, não estão saindo ainda de lá. Esses projetos de pesquisa, o que eles focam? Eles focam que o aluno trabalhe as curiosidades dele e tente resolver os problemas que estão a sua volta, então aquilo ali incentiva muito eles a trabalharem a realidade deles, digamos assim, que nem lá tem agricultura... Pesquisar mais, tentar se interessar mais por aquilo ali, para realmente, depois poder aproveitar no futuro algo sobre isso. Para nós, assim, olha, tem mudanças constantes (Entrevistada).

Constatamos que muitas mudanças estão acontecendo e que, nessa escola, existia a preocupação de preparar o aluno para a vida. Mas, historicamente, os programas escolares têm sido definidos pela perspectiva da ordem do ensino seguinte, como afirma Perrenoud (2009). O autor declara que “Nessa lógica, a missão da escola primária não é preparar para a vida, mas para o ensino médio que, por sua vez, prepara para o liceu, e este prepara para a universidade, cuja finalidade é preparar para a pesquisa” (PERRENOUD, 2009, p. 76). Como mencionado pela professora, na disciplina Seminário Integrado, a proposta de ensino é desenvolvida por meio da pesquisa ou projetos, cujo objetivo é permitir ao aluno relacionar os conteúdos escolares às práticas do seu cotidiano. Dessa forma, a escola deixa de trabalhar em circuito fechado e passa a possibilitar ao discente o uso dos conhecimentos escolares na vida (PERRENOUD, 2009). Além de preparar para a vida, essas técnicas também podem facilitar a aprendizagem.

Quando a professora relata que, na sua escola, estavam investindo em tecnologias, é uma indicação de que já haviam iniciado a caminhada em direção à proposta de Perrenoud (2009, p. 74): “Um imenso trabalho conceitual deverá ser feito em torno das tecnologias, se quisermos estabelecer a natureza das *competências* a serem construídas na escola”. Nesse sentido, Sancho (2006, p. 19-20) afirma:

Esta situação se torna particularmente problemática em um momento em que a escola tem de enfrentar as demandas não apenas diferentes, mas às vezes até mesmo contraditórias. De um lado, diferentes organismos internacionais (Unesco, OCDE, Comissão Européia, etc.) advertem sobre a importância de educar os alunos para a *Sociedade do Conhecimento*, para que possam pensar de forma crítica e autônoma, saibam resolver problemas, comunicar-se com facilidade, reconhecer e respeitar os demais, trabalhar em colaboração e utilizar, intensiva e extensivamente as TIC. Uma educação orientada a formar este tipo de indivíduos requereria professores convenientemente formados, com grande autonomia e critério profissional.

A autora afirma que, além de formação para os professores, a escola precisa de bons equipamentos e currículos atualizados que sejam flexíveis e capazes de se relacionarem com as necessidades dos alunos. A supracitada pesquisadora atesta que o importante é possibilitar

mudanças que melhorem a ação educativa. E, na maioria das vezes, isso depende dos docentes, que precisam redesenhar seu papel e sua responsabilidade na escola atual. Entretanto, não são os únicos, isso atinge também a direção, a administração e a sociedade.

Quanto à solicitação de uma fotografia que, na sua visão, demonstrasse os desafios da escola na contemporaneidade, nossa professora entrevistada produziu a que abaixo se encontra.

Figura 1 – Desafios da escola na contemporaneidade



Fonte: Professora da Educação Básica.

A foto demonstra uma situação que exigia mudanças no ambiente escolar, como, por exemplo, integrar as tecnologias no cotidiano dos educandos de forma que elas se tornassem parceiras dos livros didáticos nos processos de ensino e de aprendizagem. Na figura acima, elas aparecem de um lado e os livros didáticos de outro, separados, lançando, dessa forma, o desafio à comunidade escolar de conseguir juntá-los. Atualmente, quase toda a sociedade tem ao seu alcance as tecnologias apresentadas na fotografia, facilitando o acesso à informação, como contextualiza Artigue (2013, p. 5):

Mais *tablets* do que os computadores são vendidos hoje e eles oferecem um número crescente de aplicativos de matemática. Sem mencionar o grande número de *applets* e vídeos produzidos com recursos educacionais e de fácil acesso, mesmo agora em telefones celulares. Telas tácteis estão se tornando o formato padrão de interfaces gráficas, criando novas maneiras para agir em representações de objetos e processos matemáticos. As redes sociais e coletivas aumentam exponencialmente, tornando-se

cada vez mais influentes, elas impactam profundamente nos nossos modos de comunicação e até mesmo nas nossas relações com as autoridades e instituições.

Conseqüentemente, a escola deixa de ser a única fonte de informação dos alunos, mas cabe a ela, e, principalmente, ao professor “[...] apreender, a captar, a elaborar, a juntar, a reunir as informações para transformá-las em conhecimento” (GHEDIN, 2009, p. 13). Por outro lado, segundo Leite et al. (2011, p. 46), o livro didático é uma tecnologia independente⁶; um dos mais tradicionais recursos impressos de ensino e “[...] deve estar inserido no planejamento global de ensino, no qual seu uso deve se constituir em mais um recurso junto a outras estratégias de ensino”. Observamos que se trata de livros da disciplina de Matemática, Pedagogia e Interdisciplinaridade, entre outros. Assim, podemos inferir que, para a entrevistada, a Matemática deveria ser trabalhada numa perspectiva interdisciplinar. Segundo Tomaz e David (2008), os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que o ensino da Matemática tenha significado para o aluno, que seja feito de uma forma interdisciplinar e contextualizada. Segundo as autoras,

Essas propostas pretendem mudar o isolamento e a fragmentação dos conteúdos, ressaltando que o conhecimento disciplinar por si só não favorece a compreensão de forma global e abrangente de situações da realidade vividas pelo aluno, elegendo dois princípios básicos para o ensino da Matemática: o da contextualização e o da interdisciplinaridade (TOMAZ; DAVID, 2008, p. 14).

Em relação ao segundo princípio, a interdisciplinaridade, as citadas autoras expressam que ele pode ser projetado “[...] por meio de diferentes propostas, com diferentes concepções, entre elas, aquelas que defendem um ensino aberto para inter-relações entre a Matemática e outras áreas do saber científico ou tecnológico, bem como com as outras disciplinas escolares” (TOMAZ; DAVID, 2008, p. 14). Assim, para as nomeadas pesquisadoras, a Matemática leva o aluno a uma formação integral e a uma participação mais crítica e responsável na sociedade.

A imagem traz os objetos dispostos sobre uma base que tem uma aparência de estofado. Sabemos que, ao caminhar em direção à inovação, podemos nos deparar com algumas inseguranças, pois é necessário sair da comodidade do ensino tradicional e buscar a formação continuada. Nesta, o professor “[...] tem de passar por experiências de risco, de criatividade, de inovação” (MORAN, 2011, p. 72). A maciez indica que, nas diversas situações pedagógicas que envolvem os professores no dia a dia, ele precisa se sentir seguro,

⁶ Tecnologias independentes são as que não dependem de recursos elétricos ou eletrônicos para a sua produção e /ou utilização (LEITE *et al.*, 2011, p. 10).

amparado. Para Moran (2011), o importante é o docente acreditar no seu potencial de aprender, na sua capacidade de evoluir, de integrar sempre novas experiências e dimensões no cotidiano, compreender e aceitar os seus limites, seu jeito de ser, sua história pessoal.

A base também está repleta de retas que se cruzam, formando figuras geométricas. Podemos dizer que tais retas são as possibilidades de estratégias ou técnicas que o professor pode adotar na sua prática ao integrar as tecnologias dependentes⁷ com as independentes. A variedade de recursos nas aulas e a interdisciplinaridade permitem os cruzamentos de técnicas e disciplinas, e, nessas intersecções, umas contribuem com as outras, facilitando os processos de ensino e de aprendizagem.

5. CONCLUSÃO

Constatamos que as mudanças estão presentes em todos os setores da sociedade. A diversidade social, com seus diferentes problemas, necessita de respostas inovadoras e a escola não está excluída dessa tarefa. Pelo contrário, à medida que a sociedade evolui, altera a sua missão e, nesse processo, ela precisa se articular com os pais e comunidade, incorporar os seus saberes, prestar serviço e aprender com a sociedade. Isso ficou evidenciado nas respostas da professora entrevistada.

Ainda em relação às percepções da professora, a fotografia por ela produzida nos permitiu aferir a necessidade de preparação dos docentes para um ensino interdisciplinar, centrado na aprendizagem criativa e experimentadora. A eles cabem ser orientadores e ajudar o aluno a aprender por meio de atividades de pesquisa ou projetos, desenvolvendo-lhe a capacidade de interação ou intervenção na sociedade.

Consideramos necessária a formação dos professores para a inserção das tecnologias na sua prática pedagógica. O seu uso cria novas possibilidades, mas também novas provocações. Ademais, é fundamental possibilitar um ambiente de aprendizagem em que os discentes possam interagir com os recursos tecnológicos e com os seus pares e, dessa forma, ensinar e aprender em novas situações para construir novos conhecimentos. Nesse panorama, o importante, na contemporaneidade, é a escola assegurar a todos o direito de aprender e, além disso, privilegiar as relações, com afetividade e motivação para, dessa maneira, levar o

⁷ Tecnologias dependentes são as que dependem de um ou vários recursos eletrônicos para serem produzidas e/ou utilizadas. (LEITE et al., 2010, p. 10).

docente e o aluno a acreditarem na sua capacidade pessoal.

REFERÊNCIAS

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Rev. Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, São Carlos, v. 2, n. 1(3), p. 68-80, jan./jul. 2005.

CARVALHO, F. C. A.; IVANOFF, G. B. *Tecnologias que educam: ensinar e aprender com tecnologias da informação e educação*. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2010.

DEMO, P. *Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades*. São Paulo, SP: Atlas, 2009.

DUBET, F. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. Trad. Inês Rosa Bueno. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5, p. 222-231, maio/ago. 1997.

FERREIRA, L. S. *Educação, paradigmas e tendências: por uma prática educativa alicerçada na reflexão*. Disponível em: <www.rioeoi.org/deloslectores/417Soares.pdf> Acesso em: 20 fev. 2014.

GARCIA, P. S. *Inovações e mudanças: porque elas acontecem nas escolas*. São Paulo, SP: LCTE Editora, 2010.

GHEDIN, E. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. In: 4º CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (4º COPEF). 2009. Londrina. *Anais...* Londrina, UEL, 7-10 de julho 2009.

HERNÁNDEZ, F. Por que dizemos que somos a favor da educação se optamos por um caminho que deseduca e exclui? In: SANCHO, J. M. (Coord.); HERNÁNDES, F. e colaboradores. *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. p. 43-62.

LEITE, L. S. (Coord.); POCHO, C. L.; AGUIAR, M. M.; SAMPAIO, M. N. *Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MACEDO, L. *Ensaios pedagógicos: como construir uma escola para todos?* Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades. São Paulo: *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º Sem/1996. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf> Acesso em: 17 mar. 2014.

NÓVOA, A. *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Disponível em: www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf Acesso em: 24 fev. 2014.

PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 2009, reimpressão 2009.

SANCHO, J. M. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos. In: SANCHO, J. M. (Coord.); HERNÁNDEZ, F. e colaboradores. *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. p. 15-41.

SILVEIRA, L. M. O. B. *Família e escola: em busca de uma (re)aproximação*. Disponível em: <[www.polemica.uerj.br/8\(1\)/artigos/contemp_3.pdf](http://www.polemica.uerj.br/8(1)/artigos/contemp_3.pdf)> Acesso em: 20 fev. 2014.

TEZANI, T. C. R.. A educação escolar no contexto das tecnologias da informação e da comunicação: desafios e possibilidades para a prática pedagógica curricular. *Revista faac*, Bauru, v.1, n.1, p. 35-45, abr./set. 2011.

TOMAZ, V. S.; DAVID, M. M. M. S.. *Interdisciplinaridade e aprendizagem da Matemática em sala de aula*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008.